

UMA LEITURA DOS INÉDITOS *GARRANCHOS* DE GRACILIANO RAMOSLudmila Santos ANDRADE¹

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*: textos inéditos de Graciliano Ramos. In: SALLA, Thiago Mio (Org.). Rio de Janeiro: Record, 2012.

O percurso de leitura do livro *Garranchos*, com oitenta e um textos inéditos de Graciliano Ramos, permite a leitura de crônicas, cartas publicadas na imprensa, epigramas, discursos políticos, artigos de crítica literária, bem como um conto e o primeiro ato de uma peça de teatro e alguns poemets.

É um livro que propõe um resgate de textos atribuídos a Graciliano Ramos, muitos dos quais foram assinados ainda por meio de pseudônimos, abreviaturas ou pelas iniciais do autor, traz os diversos gêneros e os organiza de acordo com o período em que foi escrito, uma ditosa escolha do organizador Thiago Mio Salla, pois tal organização permite ao leitor compreender a trajetória literária de Graciliano Ramos, bem como relacionar com a sua trajetória, além de notar o processo de construção da sintaxe graciliana.

Portanto a ligação com a biografia de Graciliano é inevitável como fica evidenciado quanto aos subtítulos de cada seção que se apresentam da seguinte forma: “Anos 1910; Anos 1920; Anos 1930 ainda em Maceió; Depois da saída do cárcere; Depois da entrada no PCB; e, por último, Vida e obra de Graciliano Ramos”.

Quanto ao título, o organizador Thiago Mio Salla justifica a escolha do nome *Garranchos*, pelo fato de que quatorze dos textos presentes nessa obra teriam sido publicados no jornal *O Índio*, em uma seção denominada “Garranchos”. Também atribui a opção por esse título ao revelar que tal escolha recupera uma tradição estabelecida pela obra póstuma *Linhas Tortas*. Uma explicação etimológica aparece na introdução do livro, que afirma que o título pode fazer menção aos ramos tortuosos de uma planta, fazendo assim referência à escrita mais didática do que literária, dos textos jornalísticos de Graciliano Ramos.

¹Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG-GO). Especialista em Educação pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura. Graduada em Letras pela Faculdade Alfredo Nasser UNIFAN. Professora de Língua Portuguesa na SEDUC-GO.



O possível e aparente paradoxo previsto por Salla na introdução do livro em relação ao título se efetua no decorrer da leitura, pois é notável a escrita ainda em processo de maturação, principalmente no que se refere às três primeiras seções do livro que compreendem os períodos dos anos 1910 e 1930.

Nota-se que os textos escritos nesse período por Graciliano Ramos não alcançaram a densidade dos seus romances posteriores. Não obstante isso, é importante ressaltar que se trata principalmente de textos publicados em jornais, e por isso se propõe a escrita em uma linguagem mais acessível e próxima da oralidade, abordando temas do período para a manutenção de uma certa proximidade do leitor.

Ao comentar sobre a escrita da crônica como um gênero que transita entre a notícia e a literatura Bender; Laurito (1993, p. 77) afirmam que o escritor se torna paradoxalmente dono e prisioneiro da sua liberdade, sendo livre para escrever o que quiser e escravo de um papel e uma coluna a serem preenchidos e essa dualidade permeia a escrita de um hibridismo entre a notícia e a literatura, o que é possível notar na leitura de *Garranchos*.

De acordo com Thiago Salla, o título se refere ao fato de que os escritos reunidos nessa obra não alcançam a estatura dos romances, memórias e contos. Apesar disso é possível notar algumas características fundantes da escrita graciliana, traços marcantes que já apontam para a sua escrita posterior como, por exemplo, a ironia e o sarcasmo, a abordagem sobre o sertão e o sertanejo, dentre outros aspectos.

Na primeira seção, referente aos “Anos 1910”, estão elencados quatro textos em que Graciliano aborda temas diversos, como na crônica que abre o livro intitulada “Terra do fogo” em que a falta de mulheres é abordada, e a crônica “Linhas tortas III” em que ironiza a religiosidade permeada pelo que o autor chama de “processos modernos de adoração”.

Desta primeira seção, o conto “O Ladrão” se destaca quanto ao tema, pois é um tema resgatado pelo autor cerca de vinte anos mais tarde no conto intitulado “Um Ladrão”. Os dois contos se diferenciam principalmente quanto ao tipo de narrador presente, enquanto no primeiro Graciliano convoca um narrador testemunha, no segundo há a presença de um narrador onisciente que evidencia a forma de pensar do ladrão.

Cerca de mais de vinte anos separam os dois contos que, apesar dos títulos parecidos e da mesma temática, se diferenciam quanto ao cenário em que a história é narrada, ao tipo de narrador e à estrutura, o que é também um indicativo do percurso de



escrita do próprio autor que ao escrever sobre a mesma situação, mas com vinte anos de diferença, o faz evidenciando um outro olhar, deixando claro em sua escrita que o olhar sob o tema, nunca é o mesmo, assim como enquanto seres humanos não somos os mesmos diante das diversas situações.

Um aspecto relevante em relação à leitura do livro são as notas de rodapé que fornecem dados em relação a cada texto lido, seja este uma crônica, poemeto, conto, artigo ou apenas comentários. As notas trazem ricas informações que vão desde uma palavra rasurada no manuscrito original, até a atualização quanto ao contexto histórico, social e cultural em que o texto foi escrito, fazendo referências a lugares, pessoas, reuniões e suporte jornalístico em que o texto foi publicado e o pseudônimo ou abreviação utilizada por Graciliano Ramos no ato da publicação, o que evidencia o cuidado e a preocupação do organizador em confirmar a autoria, bem como informar ao leitor sobre os detalhes que ele considera importantes quanto a cada texto.

Na segunda parte, “Anos 1920”, as crônicas que resgatam o nome do livro aparecem em sequência denominadas de “Garranchos [I]” até “Garranchos [XIV]”, essa apresenta trechos chamados de Fatos e Fitas que trazem pequenas notas de Graciliano sobre assuntos diversos, muitos destes permeados por uma ironia fina e um sarcasmo evidente. Há nesta seção também três pequenos poemas, o primeiro é composto por duas estrofes e outros dois por uma estrofe cada um, todos seguem a métrica a que se propõem e apresentam rimas alternadas.

Nesta seção pode-se notar que Graciliano Ramos começa ainda embrionariamente o exercício de convocar o leitor, chamando a sua atenção, estratégia narrativa presente em seu futuro romance *São Bernardo*, em que o uso de estratégias metaficcionalis fica mais evidenciado trazendo o leitor para o processo de produção da escrita. Nessas crônicas, o uso desse tipo de narrativa que dialoga com o leitor acontece quando o autor, ao abrir a coluna “Garranchos” no jornal *O Índio*, faz um pedido ao leitor para que use de paciência para com suas frases “insulsas e tolas” e, fazendo referência ao personagem bíblico Jó, promete que ao escrever não mandará matar os filhos de nenhum leitor bem como não saqueará seus os haveres. Propõe um pacto de paciência do leitor com o que ele chama de “linguagem descosida e rude” no último texto dessa seção em uma carta de Graciliano para os senhores redatores do jornal em questão.

A partir da terceira parte do livro, “Anos 1930 Ainda em Maceió”, os textos selecionados se referem à colaboração de Graciliano Ramos ao *Jornal de Alagoas*, e nota-



se que as crônicas apresentam um adensamento e um teor mais crítico em relação aos diferentes temas abordados como: as políticas públicas, os costumes vigentes no período e também apresenta textos críticos literários que abordam os autores e os romances escritos no Brasil, relata os avanços e as deficiências do sistema educacional em relação à instrução primária em Alagoas, e a seção termina abordando aspectos do mercado editorial.

Destaca-se a presença dos primeiros textos de Graciliano referentes à crítica literária, há uma abordagem de questões relacionadas aos escritores, ao mercado editorial e a livros publicados naquele período. As discussões tornam-se mais densas a partir do texto intitulado “Um romancista do Nordeste” em que dialoga com Prudente de Moraes Neto que havia afirmado que “o romance brasileiro é ruim, os melhores escritores emperram neste gênero. Por que será? Impotência? Talvez o ambiente não ofereça material que preste”.

Graciliano Ramos se opõe a opinião de Prudente de Moraes Neto e para refutá-la escreve que “em todos os lugares há romances, o que falta às vezes é o romancista”, continua sua defesa fazendo referência a José Lins do Rego, entretanto é perceptível que o autor não o faz de forma apaixonada. Ao contrário, analisa a representação, a descrição das personagens, a temática, a linguagem utilizada e a abordagem do “mundo exterior num universo novo” que para Graciliano Ramos o romancista faz com coesão.

Ao abordar a literatura, o autor faz sérias críticas a romances e romancistas que preferem abordar e descrever lugares desconhecidos reproduzindo ideias vindas de outras terras:

Na literatura de ficção é que a falta de caráter dos brasileiros se revelou escandalosamente. Em geral os nossos escritores mostraram uma admirável ignorância das coisas que estavam perto deles. Tivemos caboclos brutos semelhantes aos heróis cristãos e bem falantes em excesso. Os patriotas do século passado, em vez de estudar os índios, estudaram tupi nos livros e leram Walter Scott. (RAMOS, 2012, p. 139)

Ironiza na crônica “Chavões” os escritores que “não dizem nada” e que satisfazem os anseios dos leitores desatentos que preferem uma literatura cômoda e sem surpresas. Em contrapartida, tece elogios à literatura que ele chama de “encrencada” que apresenta “curvas fechadas, rampas, tocos, pedras, atoleiros, riachos, precipícios areais e ramos indiscretos que batem na cara da gente” (2012, p. 119), indicando seu anseio de convocar o leitor de trazê-lo para o cenário e fazê-lo participante do processo de produção literária.



Na penúltima seção, “Depois da saída do cárcere”, o que se nota é uma gama maior de temas, enquanto na seção anterior há uma predominância de textos referentes à literatura e à instrução escolar, a partir dessa seção há uma variedade maior de gêneros que vão de cartas, crônicas, discursos, artigos e o primeiro ato de uma peça.

Em meio a essa diversidade destacam-se “Uma carta de Graciliano Ramos” em que o autor agradece aos membros do júri que conferiram a ele o prêmio literário Lima Barreto; “O negro no Brasil” em que faz um breve panorama histórico e social da questão dos negros no Brasil, a tentativa de esconder a raça seguida de uma supervalorização e ascensão dos negros, isso segundo o autor; o texto “Documentário – Resposta de Graciliano Ramos”, que responde a Jurandir Ramos que o havia criticado pelo relatório escrito enquanto prefeito do município de Palmeira dos Índios; “Ideias Novas” que traz a cena do primeiro ato de uma peça em que determinado livro é visto como subversivo pela mãe de uma jovem. A seção chega ao fim com um texto que relata o encontro com o artista Portinari que é intitulado “O estranho Portinari” em que tece um elogioso comentário ao “homem de enorme exigência com sua criação”.

É possível verificar um adensamento e profundidade maior em relação aos textos e discussões propostos pelo autor, que transitou entre os gêneros do discurso, representando o sertão e o sertanejo, convocando e provocando os leitores para uma leitura mais atenta e incômoda que abordasse as realidades do país. Ao assim fazer “destacou o que estava submerso, tornando grande o pequeno e importante até mesmo o banal” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 74).

Uma escrita de traços tortos é anunciada na introdução em que o organizador afirma que os textos “são letras mal traçadas e pouco legíveis”, mas é possível notar no percurso de leitura que essas letras vão abrindo espaço para traços marcantes e fortes que seguem o percurso para uma escrita bem traçada e legível. Esses primeiros traços ainda talvez um pouco disformes fazem parte do processo de formação do escritor que, ao construir a própria gramática de sua escritura, também é construído por ela em um movimento dialético que enriquece o processo de escrita do autor.

A última seção é denominada “Depois da entrada no PCB” e faz referência a sua entrada no Partido Comunista Brasileiro, o que marca a sua escrita, pois apresenta claramente o engajamento partidário do escritor. Há discussões sobre as lutas do partido pela Constituinte, liberdade de expressão e pensamento, há também reflexões sobre a luta



de classes, o capitalismo, a Revolução Russa, o caso em que um livro de Jorge Amado é censurado e ele escreve a crônica intitulada “A prisão do Livro Mundo da Paz”.

Há nessa seção reflexões significativas sobre a escrita literária no Brasil. Criticando o trabalho de escrever que acontece sem uma reflexão “ruminante”, sem concisão e sem “ostensivo trabalho complexo”, considera ainda que a representação do mundo subjetivo não deve excluir o mundo objetivo. João Luiz Lafetá, ao comentar sobre a objetividade que alcança a subjetividade na escrita de Graciliano Ramos, afirma que a objetividade da representação é atingida pela subjetividade do narrador e ambas acabam interpenetrando-se compondo uma unidade dialética. (LAFETÁ, 1975, p. 197)

Para além das linhas tortas e ilegíveis desses textos inéditos resgatados por Thiago Mio Salla, há um rico cenário do percurso e construção do fazer literário de Graciliano Ramos. Ao fazer a leitura do livro é possível notar uma produção preocupada e que se robustece no efetivo exercício da escrita refletindo o processo de construção da gramática graciliana e o diálogo entre a ficção e a realidade que perpassa por toda essa obra.

Referências

286

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (Orgs). *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos: textos inéditos de Graciliano Ramos*. In: SALLA, Thiago Mio (Org.). Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 24^o ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1975.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo; Ática, 2001.

WELINGTON, Pereira. *Crônica: arte do útil ou do fútil?* João Pessoa: Idéia, 1994.